

STEPHAN, Cassiana. *Amor pelo avesso: de afrodite a medusa. Estética da existência entre antigos e contemporâneos*. Curitiba: kotter editorial, 2021, 374p.

## Resenha

O livro *Amor pelo avesso: de Afrodite a Medusa. Estética da Existência entre antigos e contemporâneos*, de autoria de Cassiana Lopes Stephan, fruto de sua tese em Filosofia apresentada na Universidade Federal do Paraná, é tecido por uma espécie de escrita realizada com o próprio sangue, como diria Nietzsche; em um texto filosófico visceral, de crise e agonia, a autora nos convida a participar de uma discussão sobre as perspectivas ético-políticas das relações amorosas. Tal incursão filosófica se dá desde os antigos, com ênfase no estoicismo e no cinismo, levando-nos à aproximação tanto das reflexões contemporâneas de Michel Foucault, Pierre Hadot, Maurice Blanchot, Jean-Pierre Vernant, Sarah Kofman, Judith Butler, dentre outros, como também da inquietante literatura de Marguerite Duras e de produções cinematográficas baseadas em seus roteiros.

Diante da amplitude dessas interlocuções, a autora nos conduz através de uma escrita sinuosa e sedutora a um universo que nos diz sobre vínculos amorosos criativos, libertários, contra-utópicos – designados por ela como “amores medúsicos” – , em contraposição às visadas amorosas ascensionais, narcisistas, conservadoras, calculadas, utópicas, tão comuns em um modo de socialização apática e violenta, produtora de exclusões e abismos entre uns e outr(a)s, socialização essa que está implicada no tipo “cidadão de bem” tão valorizado em nossos tempos.

A propósito do cidadão de bem, o espelho que o resguarda e protege, refletindo sua imagem imaculada, é então estilhaçado pelas proposições filosóficas e passagens literárias e cinematográficas acionadas; a constituição egocentrada do dito cidadão de bem que o isola do mundo é corroída e destituída no decorrer do texto. Todo um campo murado, nuclear, privado e familiar, sustentado pelas inflexões do amor narcísico, é eficientemente abalado nas entrelinhas do livro, principalmente, no que se refere aos seus limites normativos, austeros e violentos, limites geralmente

(hetero)normativos, segregadores em relação aos diferentes modos de amar que compõem a multiplicidade do mundo.

Assim, a força corrosiva da crítica que atravessa *Amor pelo avesso* parece estar no fato de ser um texto escrito corajosamente em primeira pessoa e que, paradoxalmente, ressoa vozes múltiplas, assumindo a cadência fluida de uma narrativa feminina e feminista, astuciosamente afrodisíaca, a nos conduzir por descaminhos – como a autora expressa já no primeiro capítulo –, que nos implicam a transformações de nós mesmos e do mundo. Desse modo, os leitores que são convidados a se guiarem em errância pela astúcia de Afrodite e pelo olhar subterrâneo de Medusa, símbolos femininos emblemáticos do amor que estão às margens de uma tradição provinda de Éros e Narciso, acabam por se deparar com um vivaz posicionamento ético-político diante do nosso presente.

Todavia, se fitamos um amor que se encaminha para morte, tal destino não se traduz como um encontro triste; o mérito da autora está justamente em saber extrair pelo avesso do amor uma força pujante a nos confrontar com as premissas interesseiras, fusionais, conservadoras que teimam em pautar prioritariamente as relações sociais perseguidas e idealizadas de nossa época. As reflexões trazidas sobre amor se desdobram como um exercício de nos revirmos várias vezes pelo avesso, conjugando-se na e pela coragem de seguirmos caminhos outros. Atitude que nos faz lembrar a conhecida canção de Caetano Veloso, que ao falar de uma nova vida na cidade, da cidade repleta de contradições, descreve-a poeticamente como o “avesso do avesso do avesso do avesso”. Se então vemos os desdobramentos do texto escaparem aos cânones tradicionais de uma pesquisa filosófica, isso é feito de modo cuidadoso e com muita desenvoltura, na medida em que não perdemos o fio firme e consistente dos argumentos e posicionamentos apresentados.

A situação de deriva do texto passa a ser então o vento a favor dos movimentos filosóficos/literários operados no livro, proporcionando-nos a navegação amigável junto à autora pelos quatro capítulos que o compõe. O primeiro capítulo, intitulado *Dos Descaminhos do Ensaio Filosófico*, tem suas veredas literárias já devidamente estabelecidas desde as primeiras linhas. A escrita ensaística adotada para traçar uma incursão filosófica não se resume a um mero adorno, os capítulos-ensaios se

entrelaçam na unidade do trabalho para o enfrentamento das batalhas éticas travadas pelos vieses e reveses do amor.

O livro parte do pensamento de Michel Foucault, ressaltando-se assim duas práticas antigas que servem de contraponto ético no exame das relações amorosas contemporâneas, a saber: a estética da existência, em sua articulação com o cuidado de si praticado no mundo antigo greco-romano, e a realização de uma ontologia do presente. A estética da existência provinda da prática do cuidado de si, operada pelo estoicismo dos séculos I e II de nossa era – e trazida à tona por Foucault –, refere-se a uma atenção especial em direção ao *si*. Em acordo a essa perspectiva filosófica antiga, o *si* é tratado segundo as possibilidades de sua própria transformação coimplicadas ao mundo do qual faz parte. Diante disso, as existências conectadas pela prática do cuidado de si são dotadas também de contornos estéticos porque visam outro modo de vida a se constituir coletivamente.

Já na ontologia do presente levada a cabo em *Amor pelo avesso* há uma diferença importante em relação à ontologia tradicional, pois, destituída de pretensões metafísicas e de fundamentos estritamente teóricos, passa a se vincular a uma espécie de cultura do cuidado de si. Essa cultura então cumpriria um arco transhistórico ao passo que o *si* não seria visto mais por seus atributos metafísicos, mas ligado a proposições linguísticas e culturais estabelecidas à maneira em que a realidade é experienciada e modificada.

O tratamento da ontologia do presente traz, portanto, um notório engajamento político à pesquisa. Se há o propósito de realizar um diagnóstico do nosso tempo, a autora é fiel a esse objetivo na medida em que sorrateiramente traz a virtualidade de sua modificação, pois, compreende que perguntar pela nossa constituição histórica é também tocar o dedo em nossas feridas morais, buscando assim uma “alternativa histórica e contemporânea ao código, o qual nos obriga a seguir um ideal de identidade inatingível, proibindo-nos tácita ou explicitamente de vivermos em distinção às estipulações das normas e de modificarmos o mundo” (STEPHAN, 2021, p.28).

A reboque desse universo estoico marcado pela cultura do cuidado de si e pelas inflexões da ontologia do presente, aspectos endossados por Foucault, o texto nos sugere outro olhar para o amor, a saber, o amor compreendido pela chave da amizade. Faz-se importante dizer que, de modo geral, no estoicismo a amizade é vista como a finalidade amorosa e ética a um só tempo; “amamos porque queremos nos transformar

eticamente a ponto de nos tornarmos amigos, isto é, de vivenciarmos uma relação em que haja, acima de tudo, concórdia e que se pratique a liberdade” (*Ibidem.*, p.56). A amizade-amor presumiria, nesse sentido, uma desposseção da(o) amada(o), despertando tanto o autodomínio dos envolvidos como atitudes libertadoras.

No entanto, a autora não se detém apenas à filosofia estoica, pois, considerando-se imbuída de um “estoicismo cínico” também passa a se valer do destaque de outra perspectiva filosófica antiga presente na sua alquímica visão do amor: o cinismo. É então através do cinismo, também tratado por Foucault, que os aspectos subversivos das contracondutas entram em cena. Em uma posição de questionamento radical dos valores morais, Cassiana, dado seu comprometimento filosófico e ético – talvez em um dos momentos mais emocionantes do texto –, coloca-se do lado dos cães e dos *punks*, revelando não apenas sua sensibilidade quanto à condição dos cães de rua, mas também sua identificação ao modo de vida levado pelos *punks à chien*. A maneira de viver dos *punks* é então destacado como alternativa à violência dos amores interesseiros e fusionais. São resistentes e por isso capazes de abdicar do conforto de um tipo “burguês” de vida, da institucionalidade das relações (casamento, família, estudo). A coragem de estabelecer um modo de existência às margens das convenções sociais se converte assim para a autora como exemplos de posicionamentos existenciais de contestação política.

Seja nas formas de resistência mais brandas, como a subversão dos valores vigentes na sociedade a partir do exame das circunstâncias, seja nos modos de resistência mais radicais, encontradas no rompimento com as relações institucionalizadas, somos assim reconduzidos à potência contemporânea de Foucault. Pensador com presença muito marcante no livro, Foucault se destaca como aquele que nos auxilia a ampliar os questionamentos sobre as relações amorosas contemporâneas, não apenas pelo fato de tratar das possibilidades de “contracondutas para além do bem e do mal”, como também pelo “cosmopolitismo atinente ao cuidado de si”, ambos posicionamentos éticos evidenciados nos seus textos. Ou seja, é com Foucault que a autora se sente mobilizada a tematizar as relações de amor como “uma prática coimplicada à insubordinação ética de tipo autárquico” (STEPHAN, 2021, p. 66) e de extrair disso variadas posições estéticas e ético-políticas que nos impliquem às transformações de nós mesmos e dos outros.

O segundo capítulo, *Como não esquecer de viver o presente*, é dedicado ao exame da relação do si mesmo com o tempo presente, mostrando-nos, em uma convergência entre Foucault e Hadot, a ênfase de existências que tentam viver o presente em correspondência a um modo crítico de exame de si mesmo e das relações com os outros. Mesmo reconhecendo tal aproximação entre as proposições de Foucault e Hadot no que se refere a ver a filosofia como modo de vida, duas direções interpretativas são adotadas neste capítulo: uma delas, identificada por Hadot, nos leva à tradição dos exercícios espirituais ascensionais, tradição encontrada na continuidade entre o estoicismo e a literatura de Goethe; e, em outra direção, sob a inflexão ascética foucaultiana, há o reconhecimento de uma tradição que se vincula ao cuidado de si estoico e ao dandismo de Baudelaire.

No que implica a trajetória hadotiana, acentuadamente de influência platônica, é ressaltado um movimento ascensional em direção ao presente de caráter utópico, “já que o presente concerne ao efeito que se segue do ato amoroso capaz de conectar o si e o outro ao Divino” (STEPHAN, 2021, p.139). Isto é, o presente despontaria como uma excepcionalidade dada na experiência originária da Beleza, experiência possível somente àquelas(es) que se amam. Por tais traços ascensionais, tal tradição é, portanto, identificada no narcisismo erótico da literatura de Goethe, como aliás podemos ver no amor entre Fausto e Helena. No elo fusional desse par amoroso se vislumbra então uma maneira de amar em que cada um dos amantes é recolocado na situação de ultrapassar os limites de si mesmo, deslocando-se para um plano elevado que pressupõe a eternidade do tempo e a totalidade do espaço, alcançando daí a verdade do amor.

Em contrapartida, sob a compreensão da prática antiga do cuidado de si, Foucault destacaria um movimento espiritual diferente frente ao arrebatamento do amor, quer seja, um modo ascético de amar. O movimento ascético daqueles que se permitem às relações amorosas se vincula a um presente que traz tanto continuidades quanto rupturas, marcando assim o caráter fictício da realidade. A literatura de Baudelaire, segundo a leitura foucaultiana, estaria em consonância a esse movimento ascético, ao passo que o presente seria dado em sua vulnerabilidade e o ideal perderia seu caráter universalizável. Baudelaire ao afirmar que “o nada embeleza o existente”, por exemplo, nos conduziria à beleza do presente por seus traços contingentes, arbitrários e singulares. A criança astuciosa e livre encontrada na escrita baudelairiana,

que “vê tudo como novidade”, que “está sempre inebriada”, “pode ser retomada pela ascese do adulto na medida em que este movimento se constitui pela prática da crítica, a qual incita a transgressão dos limites do real, cujo nivelamento identitário embota a singularidade da vida.” (*Ibidem.*, p.135).

Como é bem lembrado pela autora, perceber o caráter ficcional dos ideais de realidade e de amor vigentes em nosso tempo, propicia-nos poder também imaginá-lo diferentemente do que é, e transformá-lo sem destruí-lo. Nesta atitude de imaginar diferentemente nosso presente, Cassiana nos mostra que mesmo com perspectivas distintas, Foucault e Hadot endossam, seja por uma utopia narcísica ou seja por uma ficção medúsica, respectivamente, que toda transformação social depende de nosso movimento de aproximação crítica em relação aos outros, ao mundo e a nós mesmos.

Outro passo filosófico relevante que podemos encontrar no livro está na tematização da morte como o avesso do amor. Em um diálogo com Foucault, Vernant e Duras, “entrelaçados nos incontornáveis limites da finitude” (STEPHAN, 2021, p.141), se perfaz um caminho pelos limites agonizantes da morte. Examinando a afirmação de Sarah Kofman de que “a morte é a mais temida das aporias” (KOFMAN, 1983, p.73), o texto se desvia da tradição de orientação platônica – em que se valoriza o inteligível, a vida do alto, a verdade, em detrimento do sensível, da vida mundana e dos erros –, e nos transporta para “as margens que fazem fronteira com a morada infernal de Medusa” (*Ibidem.*, p.142).

Para o enfrentamento da morte e as possibilidades de transformação começamos então a ver a apresentação de um amor outro que não se constitui pelas imagens idealizadas do espelho de Narciso. Narciso, o homem fascinado pela sua própria imagem e engolido pelo ilusório simulacro de si mesmo – como afirma Vernant (cf. FRONTSI-DUCROUX; VERNANT, 1997) –, é retirado astuciosamente de frente do espelho. Surge-nos, em primeiro plano, a imagem de Medusa sob uma “luz sombria”, remetendo-nos por sua vez à dimensão dos amores subterrâneos.

Os amores medúsicos são aqueles capazes de manifestar, ao contrário da imagem de Narciso, uma terrível beleza que nos petrifica para nos tirar de nossa condição atual. A face mascarada de Medusa é aquela que cumpre “não esconder nada nem ninguém”, expor-nos ao “movimento à medida que interroga nossos afetos,

ou ainda, à medida que coloca em questão a maneira e as razões pelas quais nos aproximamos e nos afastamos dos outros” (*Ibidem.*, p.147).

Vale grifar que a potência mortífera de Medusa se conjuga no livro com a sabedoria astuciosa de Afrodite, invocando-nos à desfiguração da beleza e dos amores idealizados. Criar modos de vida e belezas outras passa assim a nos implicar também à monstruosidade de confrontarmos os poderes e saberes que nos governam ante uma conformação apática, dócil e submissa. Dessa atitude crítica, ressoam alguns questionamentos, quer sejam: Como então podemos recriar o real depois de o desfigurarmos? Como podemos tecer maneiras outras de embelezá-lo sem cairmos novamente na passividade amorosa provinda do fascínio narcísico?

Para dar seguimento a tais questões, Sarah Kofman surge como uma importante interlocutora. Cassiana, inspirada por Kofman, vem a ressaltar a figura mitológica de Afrodite ctônica. É a partir da imagem dessa divindade, devido às astúcias de seu encanto, que se estabelece no livro uma conexão profícua entre a dimensão feminina da estética da existência e o aspecto contra-utópico do feminino. Para Kofman, a relação do indivíduo com a verdade possuiria uma ancestralidade astuciosa devido à copresença de Métis (astúcia) e Afrodísia, pois, de acordo com essa leitura, para os gregos arcaicos a sabedoria astuciosa somente era conquistada às custas do amor afrodisíaco.

Sendo assim, as relações amorosas conduzidas pela Afrodite subterrânea – distinta da Afrodite terrestre ou urânica apontadas por Pausânias no diálogo *O Banquete*, de Platão – fariam um com a morte. O amor de inspiração afrodisíaca nos levaria então a encarar o amor pelo enfrentamento da morte. De certo não um enfrentamento viril, falocrático, em que se bate de frente, mas um enfrentamento dado no combate em que se é capaz de transgredir a norma pela astuciosa desorganização da ordem utópica do real.

No terceiro capítulo, *Histórias de Amor e Violência*, após se percorrerem as trilhas subterrâneas de Medusa e Afrodite e seguirem os rastros de Foucault, há uma oportuna incursão pelo pensamento de Judith Butler no que toca à crítica à tradição metafísica da substância. Sendo esta última uma tradição em que igualdade, obediência e amor passam a se articular no decorrer de uma história da verdade (em acordo com a abordagem foucaultiana), Butler, como bem reconhece a autora, veria

também aí uma perigosa injunção à violência moral do sujeito em relação a si e aos outros.

Com a intenção de entender da melancolia que nos abate, Butler é trazida à discussão por seu diagnóstico sobre a “reiteração metafísica da substancialização do sujeito através da identificação entre o homem e o Falo e da ressignificação do remorso cristão” (STEPHAN, 2021, p.199). Dessa maneira, segundo a compreensão de Butler, um eficiente dispositivo melancólico orientado por uma espécie de economia fálica se colocou como principal vetor de um princípio de violenta igualdade, infiltrando-se na vida psíquica dos sujeitos.

Isto é, o dispositivo melancólico funcionaria então pela instauração da necessidade da diferenciação entre o homem e a mulher mediada pela participação comum no Falo. Tanto o fato de nos vermos como homem quanto de nos vermos como mulher, em um binarismo inflexível, teria sido então tributário da estrutura universal fálica. Em concordância a Butler, a autora endossa o diagnóstico de que “O Éros divino, o Deus cristão, o Homem, a razão do Estado e o Falo parecem operar, no que tange às diferentes modalidades e temporalidades do amor, como o horizonte de normatividade no qual o *si* está implicado cultural e historicamente.” (*Ibidem.*, p.223).

Apesar da constatação desse tipo de melancolia em nosso tempo, a autora nos aponta também a possibilidade de uma melancolia desviante. Essa melancolia desviante, também concebida por Butler, opera-se na medida em que o melancólico passa a contestar a idealidade da autoridade moral, perfazendo um exercício de contínuo questionamento moral na intenção de matar sua própria identidade fálica. Embora o teor da discussão da melancolia se dê prioritariamente a partir da interpelação da psicanálise quanto aos seus supostos primados patriarcais e fálicos – e talvez isso careça de um exame mais cauteloso das variações de entendimentos sobre a prática psicanalítica –, todavia, Cassiana consegue extrair dessa leitura butleriana da melancolia algo que a aproxima das interpretações de Foucault sobre o cuidado de si helenístico-romano: a possibilidade de uma melancolia criativa. A melancolia criativa seria um processo que se desencadearia da “apropriação autárquica de si mesmo e o abandono crítico ou desobediência em relação à estrutura patriarcal” (STEPHAN, 2021, p.267).

E, dotado de uma contundente melancolia criativa, o quarto e último capítulo da tese, intitulado *Love Kills*, traz o “caráter transformador dos vínculos amorosos que irrompem na espontaneidade dos encontros insurgentes” (*Ibidem.*, p.279). Como o último ato do trabalho, o *grand finale* se dá a partir dos cruzamentos furtivos entre o *récit* de Marguerite Duras intitulado *A doença da morte*, a tematização da sabedoria astuciosa de Afrodite, em Vernant, e a leitura de Maurice Blanchot dedicada a Duras. Como anuncia desde o capítulo introdutório: “foi a Duras de Blanchot e o Blanchot de Duras, quando mediados por Vernant” (*Ibidem.*, p. 72.) que a fizeram perceber a potência transgressora do amor.

É no livro *A doença da morte* (1982) que Duras narra a relação efêmera de um casal em seus traços mais desconcertantes. Trata-se da relação entre um homem gay (na versão para o teatro, escrita em 1986) e uma mulher que tanto se encontram quanto desencontram pelos elos amorosos mantidos. Ele, que não sabe amar, paga para que ela lhe ensine. Ela, que tudo já perdera, entende que o amor só pode sobreviver de uma falha, de um erro e nunca de um querer.

A partir desse *récit*, a leitura de Duras realizada por Blanchot é oportunamente tomada pela autora no que a liga a um modo de amor “polêmico e fatal”, amor visto pelos gregos antigos na figura emblemática de Afrodite ctônica. Vernant auxilia-nos assim na compreensão do amor subterrâneo pela face sedutora de Afrodite, que longe de ser uma divindade puramente conflituosa, faz-se uma deusa “cotejada por Éros (Amor) e por Hímeros (desejo), divindades responsáveis pelo jogo da sedução que busca restabelecer, na distância, a aproximação entre os amantes.” (*Ibidem.*, p.293).

Nesse sentido, como endossa Cassiana, os encantos afrodisíacos do amor na escrita durasiana se dão da disposição dos amantes tanto à união amorosa (*philótes*), quanto ao engano (*eksapapátaï*). O engano/erro articulado à sedução afrodisíaca se apresenta ao passo que o encontro amoroso não é incitado nem incita o total conhecimento entre os amantes, pois, os apaixonados “mesmo fatigados (*kekmejótes*), insistem em trocar olhares, pois continuam a procurar pela apreensão do desconhecido” (STEPHAN, 2021, p.294).

Tal dimensão do amor que nos leva ao desconhecido, oportunamente reconhecida por Blanchot na literatura de Duras, traz também a sua face avessa dada na morte e no conflito (*éris*). Seria então a relação entre o amor e a morte que imprimiria movimento à dinâmica do desejo, remontando-se aí “o jogo furtivo e

paradoxal entre a aproximação que distancia e a distância que aproxima” (*Ibidem.*, p.290). Diante desse jogo furtivo, o texto por fim nos conduz à “estética do abandono”.

Tanto no curta-metragem *La maladie de la mort* (2003), dirigido por Asa Mader, como no longa-metragem *Anatomie de l'enfer* (2004), de Catherine Breillat, Cassiana, com olhares muito instigantes, procura ressaltar a experiência de relações amorosas que escapam aos direitos e deveres do marido e da mulher, que escapam à lógica de uma “capitalização familiar”. Mas, se o texto desemboca na finitude do amor fusional, tal término é dotado de uma melancolia criativa, condição correlata ao abandono do dualismo sacrificial e dominador que ainda teima em prevalecer nas relações amorosas contemporâneas.

No abandono do amor é que se mata então por nós e para nós uma identidade prefigurada pelas insígnias fálicas de nosso tempo. Afinal, nos abandonar ao outro é para a autora poder morrer para dar seguimento à nossa própria transformação e à transformação do outro. Sendo assim, a constante presença do mar que Cassiana soube trazer pelas entrelinhas de sua escrita, e que vemos aparecer na obra de Duras, nos leva imagetivamente ao movimento oscilante das marés. Entendemos que amar é se permitir entrar em um mar em que tudo nasce e morre continuamente.

Por conseguinte, ainda em menção à constância da presença do mar, vale aqui pontuar um traço marcante da história de vida de Marguerite Duras. Ela, que perde o pai ainda jovem, vive a ruína da própria família pelos imprevistos que vem literalmente do mar. Sua mãe, então viúva, ao investir todas as economias na compra de um terreno na Indochina para plantação de arroz e prover o sustento de todos, é pega de surpresa: o mar avança a cada ano sobre as terras, deixando-a completamente em situação falimentar.

Sem nenhum outro recurso de sobrevivência em vista, do que poderia ser dado como “completa impotência, deste mesmo ponto em que tudo está perdido” (SERENO, M. *Formas de ler os nomes do impossível*, p. 15), Duras foi então capaz de traçar a sua escrita pelos abismos que unem amor e morte, sua literatura se inscreveu sedutoramente como um atravessar/enfrentar/criar caminhos sobre e para aquilo que perdemos totalmente.

Em uma escrita estabelecida pela cumplicidade do mar e da noite, do que nasce e do que se perde, Cassiana pôde assim realizar sua incursão filosófica pelos

avessos do amor utilizando da mesma palheta de cores de Duras; o livro é matizado desde a capa até o último parágrafo em azul índico e vermelho-sangue, cores que nos remetem aos movimentos intensos do mar e às batalhas travadas.

Com uma melancolia que nos incita a criar diferentes maneiras de viver, ao fecharmos o livro, temos a sensação de que qualquer cais em que venhamos aportar não nos indicará um lugar certo e seguro. Porém, nem o abandono provindo do acaso do amor, nem as dores do ocaso da morte, enfrentados pela escrita de Cassiana, nos conduzem ao naufrágio. Resta-nos uma imagem: é no mar aberto, no momento de sua fusão com a noite, que nós nos lançamos ao fim. Mar aberto para os atravessamentos contemporâneos “da complexa relação entre o ato de amar e o cuidado de morrer”<sup>1</sup>.

**Regiane Lorenzetti Collares,**

Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar.

Professora do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Cariri.

E-mail: regiane.collares@ufca.edu.br

### Referências

FRONTSI-DUCROUX; J-P VERNANT. *Dans l'oeil du miroir*. Paris: Odile Jacob, 1997

KOFMAN, S. *Comment s'en sortir?* Paris: Galilée, 1983.

SEVERO, M. *Formas de ler os nomes do impossível*. In: *Jornal Literário Pernambuco*, nº187, setembro de 2021. Cepe Editora.

STEPHAN, Cassiana. *Amor pelo avesso: de Afrodite a Medusa. Estética da existência entre antigos e contemporâneos*. Curitiba: Kottter Editorial, 2021.

---

<sup>1</sup> Esta frase está contida no posfácio intitulado “Por Paixões Lascivas”, anexado à versão da tese defendida no programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Além do posfácio, cabe observar que a autora também adicionou a tradução de *A doença da Morte (La maladie de la mort)*, de Marguerite Duras. O texto de Duras foi inicialmente publicado no ano de 1982 pelas edições Minuit. Para esta tradução, Cassiana Stephan e a pesquisadora Luciane Boganika (Maître de Langue Portugais – Université Rennes 2) utilizaram o texto reimpresso em 2010 pela mesma editora. Apesar de ser um trabalho primoroso e de folêgo, e que muito contribuiria para a difusão da literatura durrasiana no Brasil, infelizmente, as leitoras e leitores brasileiros ainda não poderão ter acesso à coletânea de textos traduzidos pelas duas pesquisadoras devido à falta de apoio editorial.